



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## *Jovens em São Paulo recepção, ficção seriada e hábitos de ver TV<sup>1</sup>*

Profa. Dra. Sílvia Helena Simões Borelli  
Departamento de Antropologia  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais  
PUC-SP. São Paulo. Brasil

### **RESUMO:**

Analisar, por meio de um recorte qualitativo, as relações que os jovens – aqui concebidos como categoria *nômade* – estabelecem com as telenovelas e com as diferentes alternativas de lazer, consumo cultural, outras mídias e novas tecnologias. A perspectiva adotada supõe que estas articulações resultem de um conflituoso processo de *mediações* no qual gostos, escolhas e estilos de vida estejam vinculados a variáveis tais como: cotidiano, classe social e grupos a que pertencem, gênero e sensibilidade e percepção que desenvolvem em relação aos territórios de ficcionalidade e às dimensões da tecnicidade. Ainda que se possa conceber mecanismos de apropriação cultural de caráter mais universalizante, as particularidades revelam-se por meio das condições concretas de classe, gênero, etnia, entre outras possibilidades.

**Palavras-chave:** juventude, ficção seriada, recepção e consumo cultural

### **Pesquisa, metodologia, referenciais teóricos**

Os jovens aqui referidos moram na cidade de São Paulo, com suas respectivas famílias, em bairros e moradias diferenciados, no contexto da metrópole paulistana<sup>2</sup>.

Antes de falar de suas percepções, expectativas, desejos, de seu consumo cultural, hábitos de ver TV, de suas relações com a ficção seriada e inserção na vida cotidiana da metrópole, vale a pena um rápido comentário sobre o perfil e o modo de vida das famílias nas quais estes jovens estão inseridos.

O primeiro critério de seleção incidiu na escolha das famílias por tipos de moradia – casa em favela, habitação auto-construída, apartamento financiado por

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP14 – Núcleo de Pesquisa Ficção Seriada, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.

<sup>2</sup> As informações aqui veiculadas resultam da realização de uma Pesquisa Qualitativa de Recepção de Telenovelas (LOPES, BORELLI e RESENDE, 2000 e 2002), que contou com o auxílio de Fapesp e Cnpq e que permitiu que um grupo de pesquisadores de diferentes universidades e áreas de conhecimento ficasse em contato com estes jovens e suas famílias, durante a veiculação, no ano de 1997, pela Rede Globo de Televisão, no *prime-time*, da telenovela *A Indomada*, de Aguinaldo Silva e Paulo Ubiratan.



planos de habitação do Governo Federal, casa própria em condomínio “fechado”, “seguro” e “de alto luxo” – e garantiu a variação das condições social, econômica e cultural e, conseqüentemente, a localização destas famílias em diferentes estratos no contexto mais geral da sociedade.

Além disso, selecionamos famílias cujos modelos de composição apresentam-se mais condizentes com os novos perfis familiares que compõem a vida cotidiana nas grandes cidades brasileiras: mulheres sem parceiros, que se responsabilizam pela criação dos filhos; filhos adotados convivendo com filhos biológicos; só mulheres, mãe e filhas, vivendo em uma única casa; família nuclear, mas de característica extensiva, em função do tipo de moradia (há, no caso específico, no fundo do terreno, uma pequena casa conjugada onde sempre moram outros parentes); um casal vivendo, cada um, uma segunda relação, com os filhos atuais e outros de casamentos anteriores; família nuclear, com três filhos, sendo que duas são gêmeas e todos são adotados; e a presença de uma família de descendência afro-brasileira que permitiu a especificidade da reflexão sobre diferentes etnias no contexto mais geral da análise.

Com isto, não só foi possível equacionar mudanças, cada vez mais crescentes, na composição familiar, como também incorporar outras variáveis, além das basicamente sócio-econômicas, como as de gênero, geração, etnia, nível de escolaridade, etc.

A pesquisa contou com a participação de um grupo de pesquisadores<sup>3</sup> e teve sua coleta de dados e análise organizadas ao redor de um conjunto significativo de instrumentos de trabalho e de combinação de técnicas de pesquisa<sup>4</sup> que garantiram um excelente nível de reconhecimento do campo e de segurança na elaboração da análise e da interpretação.

Os referenciais teóricos partem de um diálogo com os estudos de produção e recepção midiáticas, fundamentam-se prioritariamente na *teoria das mediações*

---

<sup>3</sup> Dezoito, no total, entre estudantes de graduação, mestrado e doutorado das áreas de ciências sociais e comunicação, além de três pesquisadoras doutoras das áreas de comunicação, antropologia e psicologia – Maria Immacolata V. Lopes, Silvia Helena Simões Borelli e Vera R. Resende.

<sup>4</sup> Entrevistas: do Cotidiano, dos Gêneros Ficcionalis, da Produção/Videotécnica e da Subjetividade; Grupos de Discussão; História de Vida e História de Vida Cultural; Observação Etnográfica; Questionário do Consumo; Telenovela Reeditada; Mídia Impressa.



preconizada por Jesús Martín-Barbero (1987)<sup>5</sup> e resultam em alguns princípios que merecem ser comentados: de que a vinculação entre produtores, produtos e receptores se dá por meio de um permanente processo de negociação simbólica; nele, os receptores relacionam-se com os meios de comunicação – e, em especial com a ficção seriada –, através de um conjunto de mediações, que lhes permite a apropriação, o uso e a atribuição de significados particulares; supõe, também, a existência de um *repertório compartilhado* construído por meio de narrativas capazes de ativar *hábitos* e aptidões *culturais* e *técnicas*, que resultam tanto de um *pacto de recepção*, quanto de uma *competência textual narrativa* passível de acionar memórias, repor tradições e matrizes culturais.

As mediações selecionadas para este trabalho foram: *cotidiano* - cenário espacial e temporal onde se efetiva a dinâmica familiar, as rotinas e as práticas dos receptores; *subjetividade* - a possibilidade tanto de construção das identidades e sensibilidades que operam na relação entre indivíduo e meios de comunicação, quanto de individualização das relações no contexto das histórias de vida familiares; *gêneros ficcionais* - territórios de ficcionalidade (melodramas, comichidades, narrativas policiais, etc), entendidos como matrizes culturais de produção e reconhecimento de sentidos, ativadoras de competências culturais e formadoras de *repertórios compartilhados* na relação entre produção e recepção; e, finalmente, *videotécnica* - espaço de reconhecimento dos dispositivos videotécnicos de produção e recepção e responsável, também, pela constituição dos já referidos *repertórios compartilhados*.

### De que jovens se fala<sup>6</sup>?

O quadro abaixo relacionado permite-nos visualizar o perfil e as condições sociais básicas dos jovens envolvidos nesta pesquisa. Eles têm entre 10 e 20 anos;

---

<sup>5</sup> Estão também presentes, e de forma significativa, as reflexões de A. Mattelart, A. Giddens, A. Gramsci, D. Morley, E. Morin, G. Simmel, G. Orozco, I. Calvino, J. Lull, J. Fiske, J. Gonzalez, M. de Certeau, M. Foucault, M. Bakhtin, N. G. Canclini, P. Bourdieu, R. Williams, S. Hall, T. W. Adorno, T. Todorov, W. Benjamin, entre outros brasileiros e latino-americanos que desenvolveram trabalhos nesta área.

<sup>6</sup> Não há, aqui, espaço possível para o desenvolvimento de uma reflexão sobre o “conceito” de juventude no mundo contemporâneo. Há, entretanto, um diálogo que incorporou referências acumuladas nos trabalhos de alguns pesquisadores que analisaram esta temática: ver “referências bibliográficas”, ao final deste artigo.



todos frequentam a escola, do 1º grau à faculdade; são brancos e afro-brasileiros; e o tipo e o tamanho de cada habitação - entre 28 e 205 m<sup>2</sup> -, aliados à desmedida oscilação da renda familiar - entre 100,00 e 4000,00 dólares - revelam o profundo grau de desigualdade que caracteriza os diferentes grupos sociais no Brasil. A leitura deste quadro permite, ainda, a observação e reiteração do óbvio: a existência de uma inevitável relação entre renda familiar e qualidade de vida, que faz com que as escolas sejam melhores ou piores, que os jovens tenham mais ou menos acesso ao lazer e a itens prioritários do consumo cultural, que o atendimento à saúde seja precário ou acessível e que sua relação com as mídias, e em especial com a ficção seriada, se estabeleça mediada por um repertório inerente à sua vida cotidiana.

#### Quadro nº 1

Nome/Família	Idade	Tipo/tamanho de moradia	Escolaridade	Etnia	Renda Familiar (US\$ - mensal)
<b>FAMÍLIA 1</b>		Casa favela - 28m <sup>2</sup>			100,00
<b>Fernanda</b>	11		4ª série - 1º grau	branca	
<b>Sheila</b> (adotiva)	10		3ª série - 1º grau	afro-brasileira	
<b>FAMÍLIA 2</b>		Casa auto-construída - 80m <sup>2</sup>			750,00
<b>Juliana</b>	20		2º grau completo	afro-brasileira	
<b>Joana</b>	16		2ª série - 2º grau	afro-brasileira	
<b>João Paulo</b>	12		6ª série - 1º grau	afro-brasileira	
<b>FAMÍLIA 3</b>		Apartamento financiado - 60m <sup>2</sup>			2100,00
<b>Tatiane</b>	14		7ª série - 1º grau	branca	
<b>Maurício</b>	12		4ª série - 1º grau	branca	
<b>FAMÍLIA 4</b>		Casa condomínio luxo - 205m <sup>2</sup>			4000,00
<b>Flávio</b> (adotivo)	20		3º grau incompleto	branca	
<b>Paula</b> (adotiva)	18		3ª série - 2º grau	branca	
<b>Beatriz</b> (adotiva)	18		3ª série - 2º grau	branca	

É importante ressaltar, nesta caracterização, que o cotidiano destes jovens foi apreendido dentro do circuito da casa e da família e não em livre trânsito pela metrópole, espaço de onde emergem inúmeras outras informações sobre modo de vida, expectativas, violência, lazer e consumo cultural (BORELLI e RAMOS, 1986). Isto não impede, entretanto, que o grupo de jovens aqui referido seja assumido, teórica e



metodologicamente, não como um bloco homogêneo, mas como *um objeto nômade, de contornos difusos*. Assim concebido, este objeto afasta-se da perspectiva da *criminalização* - ou do *conformismo*, inerente às classes médias e da *delinqüência*, marca das camadas pauperizadas -, normalmente atribuída à *figura social da juventude*. Distancia-se, também, da idéia de que o adolescente vive apenas um momento *de passagem entre a infância e a idade adulta*, em que predominam *imaturidade, instabilidade, irresponsabilidade, improdutividade* (MARTÍN-BARBERO, 1998: 22-23 e 30).

O que, na realidade, parece ocorrer com os jovens, nestes contextos de contemporaneidade, diz respeito à necessidade de adequação às novas formas de sociabilidade geradas num mundo de turbulências e transformações que alterou parâmetros de referência e sentido e obrigou que todos equacionassem tanto o respeito às antigas tradições - família, instituições -, quanto incorporassem, com rapidez, as novas referências colocadas pela mundialização da cultura e, conseqüentemente, pelo mercado cultural de bens simbólicos<sup>7</sup>.

### **Jovens diante do consumo, da TV e da vida**

Ainda que o consumo esteja diretamente vinculado às condições sócio-econômicas e culturais das famílias – afinal, pauperização e exclusão social são dados inquestionáveis! – e a referência ao *habitus* apareça como um elemento bastante significativo, não é possível cristalizar ou reproduzir o *gosto*, o *estilo* (BOURDIEU, 1981) e a escolha dos jovens aos exclusivos parâmetros das posições ocupadas pelas famílias na hierarquia social. Enquanto as gerações que os antecedem tendem a dialogar com modelos mais conservadores de conduta e percepção, os jovens estariam mais aptos a introjetar novas formas de sensibilidade e a assumir esta perspectiva *nômade* que os torna habilitados a apreender e a viver o mundo através de *fluxos* transversais que recortam, indistintamente, vários territórios e classes sociais. Aos cotidianos em fluxo e às novas formas de sensibilidade – ou *estruturas de sentimentos* (WILLIAMS, 1979 e 1984) – deveria corresponder uma reflexão capaz de questionar a



rigidez de um certo tipo de conhecimento que privilegia a reprodução, em detrimento de um saber mais errante e menos territorializado.

No caso particular dos jovens envolvidos nesta pesquisa a desigualdade social é evidente e interfere diretamente no consumo material de bens e na atitude diante da vida. Um bom exemplo de caracterização deste contexto pode ser observado na análise comparativa do *estilo de vida* de algumas famílias, compostas por jovens de faixa etária próxima, entre 16 e 20 anos<sup>8</sup>: os de estrato social mais elevados (FAMÍLIA 4) nem sempre trabalham, normalmente fazem faculdade ou estão se preparando para ela, vão com regularidade ao cinema e a *shopping centers*, freqüentam bares e festas, têm “aulas de piano, ballet ou dança de salão e praticam hipismo, futebol, patinação e musculação”<sup>9</sup>; possuem um alto padrão de conforto, que pode ser verificado pela quantidade e diversidade de aparelhos eletrodomésticos, eletroeletrônicos, equipamentos de informática e automóveis de que são usuários; e passam boa parte do tempo questionando o comportamento “tradicional e conservador” dos pais que os impede de assumir novas atitudes, principalmente aquelas que dizem respeito à sexualidade e ao prazer e que interferem, mais diretamente, no cotidiano feminino.

Já os jovens que vivem na periferia (FAMÍLIA 2) começam a trabalhar muito cedo<sup>10</sup>, *sonham* com a possibilidade de cursar uma faculdade e manobram com hipóteses como “a de fazer um curso de prótese, já que trabalho num consultório dentário ou um curso para modelo e manequim, mas sei que é difícil, muita concorrência!” Convivem em suas casas com um acervo de eletrodomésticos – “freezer, batedeira, geladeira, secadora de roupa - e aparelhos eletro-eletrônicos<sup>11</sup> - vídeo cassete, aparelho de som, dois televisores, telefone e TV a cabo”; quando saem do universo doméstico, ganham a cidade para ouvir música e dançar em danceterias

---

<sup>7</sup> Rossana Reguillo (1998:59) acrescenta a este quadro, outras variáveis: o triunfo do discurso neoliberal, o empobrecimento crescente de amplos setores da população e a descrença dos canais de representação, principalmente partidos e sindicatos.

<sup>8</sup> Ver no Quadro 1 informações gerais sobre as famílias que serão freqüentemente citadas daqui para frente. Os trechos grafados em itálico foram retirados das entrevistas realizadas e reproduzem fragmentos das *falas* destes jovens.

<sup>9</sup> Vários dos trechos citados daqui para frente constam do relatório original da pesquisa *Recepção de telenovelas: uma exploração metodológica*, referida na nota de rodapé no.1.

<sup>10</sup> E isto se agrava, ainda mais, quando se trata da FAMÍLIA 1, que vive na favela: Fernanda, de 11 anos, trabalha nas ruas, como vendedora ambulante; Sheila, de 10 anos, trabalha com a mãe, como empregada doméstica, em casas particulares.



populares; e o lazer periódico refere-se, para os rapazes, ao futebol jogado em gramados do bairro. Ouvir música e assistir à televisão apresentam-se para todos, rapazes e moças deste estrato social, como grandes referências de ocupação regular do tempo livre e de reconhecimento de novas formas de sociabilidade que mexem com seu imaginário e os impelem a ir em busca de novas alternativas no cotidiano. Assim como as jovens da família anterior, estes também questionam a moral religiosa e familiar e reivindicam uma maior abertura em relação aos tabus e proibições, inerentes à ordem da sexualidade.

Vale ressaltar que escutar música e dançar aparecem como atividades que independem da classe social e fazem parte do cotidiano de todos os jovens aqui envolvidos. Há uma preferência comum por estilos musicais como samba, pagode e axé que é compartilhada, indistintamente por todos, com apenas um destaque: a predileção pelo *reggae*, manifestada pelos jovens de descendência afro-brasileira (FAMÍLIA 2).

Nota-se que um dos elementos norteadores do consumo cultural destes jovens de diferentes estratos sociais diz respeito ao relacionamento que estabelecem com as novas tecnologias, geradoras de novas formas de sensibilidade, fundamentalmente, computadores e internet ou mesmo *videogames* e outras variedades de jogos eletrônicos.

Ainda que, em 1997, ano de realização da pesquisa de campo, os usos da internet e do computador estivessem em ascensão, mas não tão disseminados quanto hoje<sup>12</sup>, pode-se observar que, para os jovens de inserção mais abastada (FAMÍLIAS 3 e 4), isto já se colocava como opção: possuíam computadores instalados em suas próprias casas, mesmo que estes não estivessem incorporados, com regularidade, à vida cotidiana. Entretanto, mesmo para uma das meninas moradoras da favela (FAMÍLIA 1), a aula de computação na escola era esperada e desejada, pois apontava, “com certeza”, para um novo e “fantástico” mundo de possibilidades e alternativas, nem sempre

---

<sup>11</sup> A posse deste tipo de aparato doméstico diminui, expressivamente, quando se trata da FAMÍLIA 1.

<sup>12</sup> Alguns informações sobre uso de internet no Brasil: 1) Dados de uma pesquisa do IBOPE realizada no início de 1998 revelam a existência de cerca 1,5 milhões de internautas, 85% concentrados nas classes A e B; 2) Outra pesquisa realizada pela MARPLAN, no mesmo período, constata que 89% dos entrevistados declaram conhecer ou ter ouvido falar em internet; entretanto, apenas 7% afirma ser usuário desta nova tecnologia (Jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17/06/98).



claras, e cujas razões objetivas não podiam ser ainda verbalizadas; mas o texto, escrito no computador, sobre o “homem e o meio ambiente” tornava-se uma promessa, um horizonte de expectativas e possibilidades.

Medo e violência fazem parte do cotidiano de todos os jovens e compõem o cenário espacial vivido na metrópole, independentemente da classe social a que pertencem. A violência tornou-se uma categoria mundializada, transnacional e transmediática que atravessa, indistintamente, sociedades e grupos sociais. Entretanto, sabemos há muito, os jovens da favela e das habitações de periferia convivem mais de perto com esta realidade. Trafegar pelas ruas da cidade supõe correr riscos e aprender a conviver com o medo: “Eu conheço esse pedaço todinho; só não vou para longe, porque tenho medo de ser seqüestrada, assaltada. Minha casa já fui assaltada, queriam roubar uma televisão da minha mãe. Eu tinha cinco anos. Foi muito triste, minha mãe quase morreu. Mas não gosto de lembrar disso, porque começo a chorar” (SHEILA, FAMÍLIA 1).

Ao cenário de violência urbana mistura-se outro, da tela da TV, que reforça, por um lado, a perversa teia de relações que articula *meios e medos* (MARTÍN-BARBERO, 1990 e 1998: 28-29): “Adoro filme de *bang-bang* na TV. Fico ali sentada e me desligo do mundo. Gosto de *bang-bang* porque tem muitos tiros e todo mundo dá ‘porrada’ um no outro: aí eu gosto!” (SHEILA, FAMÍLIA 1). Entretanto, quando solicitada a responder sobre os *tiroteiros* na favela *real*, a mesma garota afirma: “Só gosto de tiros na telinha, porque aqui é vida real, aqui o tiro acerta em gente de verdade: lá não! Na telinha, não é de verdade; na telinha eles se protegem com coletes a prova de bala; aqui, na verdade, a gente morre: lá não!”.

Mesmo que os jovens de faixa etária semelhante, mas de estratos sociais opostos (FAMÍLIA 2 e 4), afirmem não gostar de televisão – “assisto a pouquíssima televisão; assisti quando criança, depois dos 13 anos parei, acho que cresci!” -, a observação de seus cotidianos nem sempre confirma estas declarações e revela, pelo contrário, que a televisão está bastante presente nas rotinas diárias e diminui ou aumenta de intensidade, de acordo com as maiores ou menores perspectivas de lazer. Talvez seja interessante observar que a recusa *ideológica* da televisão permite explicitar a existência de um critério já incorporado de *distinção* que hierarquiza os



campos sociais e fabrica um discurso que transforma a TV em produto pouco *legitimado* (BOURDIEU, 1991) diante do cinema, da música e de outros campos, como o teatro, por exemplo, inacessível a parcelas carentes da população.

Entretanto, o envolvimento com a telenovela é inequívoco e pode ser captado pelo cruzamento das informações resultantes dos diferentes instrumentos de pesquisa de campo e coleta de dados. Diante da limitação de espaço, serão aqui priorizados apenas alguns aspectos: a relação entre telenovela e outras mídias, o entrelaçamento de fronteiras entre real e ficcional e a mediação dos territórios de ficcionalidade.

A telenovela está diretamente relacionada, para alguns destes jovens, ao consumo de outras mídias como, por exemplo, jornais e revistas: “Sheila (FAMÍLIA 1), compra o jornal para ler o resumo das telenovelas (...) e lê revista Contigo, relacionando-se, por meio dela, ao universo das telenovelas (...) O consumo de revistas de adolescentes permitiu a Juliana e Joana (FAMÍLIA 2) relacionarem-se ao universo dos artistas da televisão – Capricho foi assinada por Juliana durante dois anos – e esta relação expressa-se no hábito que Joana cultivou de colecionar pôsteres de artistas e de colá-los nas portas dos guarda-roupas” (LOPES, BORELLI e RESENDE, 2000: 105-106).

A mesma Sheila (FAMÍLIA 1), por exemplo, procura ler, semanalmente, informações sobre novos capítulos da telenovela: “Porque aí eu vou para a escola... eu vou por cima. Leio a revista e vou para a escola”. Esse parece ser um modo de obter reconhecimento do grupo: dominar o repertório de informações sobre novelas é prioridade, por vezes acima do domínio dos conhecimentos transmitidos pelos professores. Ela se informa, através da leitura de revistas, sobre o que vai acontecer em várias telenovelas: *Chiquititas*, *Maria do Bairro* e *Zazá*: “Às vezes, eu leio que vai vir mais pessoas para fazer a novela; que, às vezes, não vem quase ninguém. Aí as pessoas que vão, já estão com disco novo. Ah, várias coisas... Conto para Fernanda o que sei e gosto de saber o que ela sabe sobre o que vai acontecer nas novelas” (IDEM: pp.190-191).

Os jovens e as crianças entram em contato com as narrativas televisivas em que tudo é falado e mostrado e isto possibilita a ampliação de um repertório que favorece os diálogos e tomadas de posição no círculo de amigos. Constróem, assim,



seu universo de conhecimento tendo também como referência a programação favorita. Além disso, podem viver, ludicamente, a ilusão de controlar o destino do personagem preferido (IDEM: pp.190-191): “(...) porque a gente está assistindo à novela, assim a gente fica mais interessada. Pensa na novela, pensa no personagem, aí é importante para todo mundo (...) As informações são importantes para todo mundo porque todas as informações são interessantes, porque aí a gente fica mais ligado na novela do que no mundo real (...) Além disso, porque é engraçado ver as coisas, é engraçado ver como acontece. Só que depois quando a gente se liga no mundo real, tudo é diferente... Não tem graça porque as piadas, na novela, fazem rir. Quando a gente está na vida real, alguém vai contar alguma piada fica tudo normal, fica tudo sem graça” (FERNANDA, FAMÍLIA 1).

Além de jornais e revistas, o rádio conecta-se diretamente ao campo da telenovela: “Fernanda e Sheila (FAMÍLIA 1) escutam os programas de Nelson Rubens e Paulo Barbosa, que trazem informações sobre as telenovelas e os programas musicais das rádios *América*, *Capital* e *Cidade*, que tocam músicas das telenovelas (...) O rádio é um referente importante para os membros desta família, servindo para antecipar acontecimentos, para controlar a trama e para compartilhar os segredos da telenovela, usos dos quais extraem prazer. É interessante perceber como as músicas da telenovela, ouvidas através do rádio, acionam a memória dos personagens, associação que a telenovela explora através das músicas-tema (...) Ouvem no rádio opiniões e informações sobre telenovelas, estabelecem um debate com elas e formam sua própria opinião sobre os assuntos. Nesse contexto, os temas das telenovelas funcionam como uma agenda e constituem um espaço público do qual se sentem participantes” (IDEM: 108-109).

Vale a pena ressaltar que Sheila (FAMÍLIA 1), cujos depoimentos têm sido bastante citados possui uma história de vida deveras conturbada e seus relatos revelam o esforço que faz para lidar “com situações de projeção e identificação provocadas pelas narrativas das telenovelas”. Essa garota perdeu a mãe muito cedo e relata que quando ouve as músicas de telenovelas se lembra da mãe, que aparece, para ela, no caso da telenovela *A indomada*, associada à personagem Helena: “Porque minha mãe... Quando ela assim... me cuidava, quando era normal. Só que aí ela foi embora.



A mãe gostava de cantar as músicas da novela. E Sheila cantarola: ‘Raiou o sol, pelo novo dia, linda sereia... e Iemanjá. Eu vou buscar o silêncio do seu mar, linda sereia... e Iemanjá. Nas ondas da sereia e Iemanjá. Nas ondas que lavam a terra...’ Aí eu esqueço (...) Por exemplo, às vezes, quando a Helena estava no mar... assim, ela estava com a lancha, aí eu lembrava da novela e da música. Aí eu ficava lembrando de minha mãe...” (IDEM: 193-194).

Sheila, assim como outros jovens, procuram encontrar informações que possam ajudá-la a solucionar os problemas da vida cotidiana (IDEM: 192-193): “Quando a Helena ia ficar grávida, aí tinha falado no rádio, só que eu não tinha acreditado. Aí eu fui direto na revista para ver se era verdade. Aí eu fui interessada, querendo saber o que ia acontecer com ela e tudo. Só que aí vai acontecer uma coisa na vida real com ela [a gravidez da própria atriz] e eu não estou gostando nada disso. É que a Helena vai ter dois filhos gêmeos, daí ela não vai poder fazer novela. Ela está grávida de dois gêmeos. Li, aí eu não gostei. É que se ela ficar grávida e for parar a novela... quando ela passa mal como é que ela vai continuar fazendo novela? É por isso que não gostei”.

Fernanda (FAMÍLIA 1) que vive nas mesmas condições de Sheila, sua irmã adotiva, e que está na mesma faixa etária refere-se a uma experiência semelhante de conflito – entre real e ficcional, entre personagens e vida cotidiana –, mas de natureza diferente. “Cita dois episódios que mostram a emergência de questões na interseção entre realidade vivida e realidade sugerida, no jogo de semelhanças entre ficção e realidade que coloca, numa mesma trilha, dimensões da vida pessoal do ator e episódios da novela. No primeiro, ela diz ter ouvido, através do rádio, a descrição de um ‘cenário de isopor de uma outra novela’, que ela acreditava ser de verdade: ‘Nem tudo é isopor, porque assim: as casas, o mato é de verdade. Algumas plantas que têm espinho é de mentira. Então a gente pensa que é real, porque parece verdade. A gente fica impressionada porque parece que é de verdade. A gente fica rebaixada, lá no chão. Eu me toco e falo... penso: como será que é feita a novela? Será que é vida real? Antigamente eu pensava assim: será que o pessoal já se conhece? Como será que eles se conhecem? Será que é vida real? Será que é mentira? Eu ficava nessa dúvida, agora eu sei que é tudo de mentirinha. É tudo de mentirinha, menos as casas’ (IDEM: 194-195).



A informação contrariou sua percepção, e ela passa a questionar também o que percebe na experiência concreta; busca parâmetros para resolver o impasse e encontra semelhança entre conflitos afetivos mostrados na novela e os desencontros que ela própria experimentou através do abandono paterno e dos problemas de alcoolismo da mãe. Toma como exemplo o romance vivido por Richard e Santa Maria (Santinha): ‘Na vida real também tem muita gente que gosta uma da outra e sempre tem alguma coisa que empata, não é? Nem tudo acaba bem. Tudo acaba em briga. Parece que o Brasil é o mundo das gangues, pois até na escola tem briga! Até na frente da professora, imagine fora da escola’ (IDEM: 194-195). Face à magia da produção, sua inquietação articula-se a outros sentimentos, formando um misto de impotência e encantamento”.

O segundo episódio relatado é a confusão que faz entre a atriz e seu personagem, quando lê entrevista de Eva Wilma (IDEM: 195): “Foi legal, porque ela faz um papel de má. Então ela falou como ela é na vida real. É porque ela tem... Ela parece ser má. Ela tem... Ela disse na revista que tem um jeitinho de má, também, na vida real. Mas eu não concordo porque ela só tem o jeitinho (...) O que eles falam não acontece na vida real, porque não é só eles fazerem a novela e acontecer na vida real. Porque isso não acontece. Na vida real é diferente. A diferença é que na vida real eles não precisam ler o que vão falar, o que eles pensam. Não precisam ler o que vão falar porque eles não vão falar assim. Eles não vão falar as coisas lendo. Na novela falam lendo” (FERNANDA, FAMÍLIA 1).

A exclusão social que nunca permitiu que Sheila e sua família fossem convidadas para uma festa qualquer leva-a a descobrir outra forma de fazer das cenas da novela sua própria experiência, e a reconhecer a principal diferença entre a sua realidade e a da telenovela (IDEM: 195): “Eu vi muitos casamentos na televisão, mas nunca estive em nenhum. Eu gostaria muito de ir porque é bonito. Os casamentos são bonitos... eles... A noiva vestida de branco, o noivo de terno preto... ah é bonito” (SHEILA, FAMÍLIA 1).

E, para finalizar os exemplos e as temáticas escolhidas, há um depoimento que revela a força de identificação e a capacidade de mediação dos territórios de ficionalidade – no caso específico deste exemplo, a força do melodrama – no



cotidiano dos receptores. Ao remontar a clássica cena da matriz cultural melodramática – a revelação do segredo sobre a paternidade: encontro de Artêmio com Richard, o pai até então desconhecido! – uma das meninas entrevistadas declara (IDEM: 226-227): “Eu senti emoção, muita emoção (...) Eu quase choro (...) É porque eu tenho esperança de também encontrar meu pai. Então, a esperança é a última que morre” (FERNANDA, FAMÍLIA 1).

Reforçando a identificação com o melodrama e reiterando as potencialidades de mediação do gênero, a mesma garota relata: “Para mim, uma das cenas mais marcantes, foi na hora que a Eulália e o Zé Leandro morreram, foi muito marcante, porque muito triste” (FERNANDA, FAMÍLIA 1).

Os relatos de identificação com o melodrama por parte dos receptores confirmam o perfil romântico destas relações, em dois depoimentos (IDEM: 227-228):

“A Carolaine e o namorado... Se a gente pudesse ter um relacionamento assim... Ver duas pessoas assim, é muito interessante. O amor dos dois. Um pelo outro. Mesmo os pais sendo contra eles, eles não ligaram para isso. O amor venceu, toda aquela história...” (JULIANA, FAMÍLIA 2).

“Dos namorados, para mim foi bonito porque... pelo menos é isso que eu quero, entendeu? Não sei se a maioria da juventude é assim, com certeza não, mais para mim tem que ser uma coisa importante e profunda, o homem certo e na hora certa, entendeu? Para mim é isso, foi o que passou e é o que eu quero para mim” (JOANA, FAMÍLIA 2).

E uma outra das adolescentes entrevistadas sintetiza claramente o sentido do *era uma vez* no contexto melodramático: “A história é assim: era uma moça [Helena] que tinha mãe e pai; eles tinham um amor proibido pela família; logo os pais morrem né, e depois disso ela vai morar fora... e aí... etc. etc. [risos]” (PAULA, FAMÍLIA 4).

Para reiterar, são vários os depoimentos de receptores que reforçam os traços da comicidade expressos na proposta de falar “inglês com sotaque ‘nordestês’” e em outros momentos da narrativa (IDEM: 230-231):

“Tinha uma cidade, que parece que era no nordeste, mas eles falavam engraçado meio inglês, meio português com sotaque do nordeste. Isto era mesmo muito engraçado” (TATIANE, FAMÍLIA 3).



“Ah, eu acho que o sotaque né, meio... meio inglês assim, acho que, sei lá, eu achava engraçado certas coisas, certas palavras, meio bizarro” (BEATRIZ, FAMÍLIA 4).

“O que pegava mesmo, e que eu dava risada, era que tinha o sotaque: era muito engraçado, era uma coisa bastante diferente” (PAULA, FAMÍLIA 4).

“Tem também a cena que a Altiva levou um raio em cima da cabeça, mas meu Deus do céu, parece uma comédia (...) É engraçado o guarda gordo... Se cagava de medo quando era lua cheia, noite de lua cheia. O delegado Motinha saiu, ele saiu de dia e só voltou no dia seguinte, mas esse homem se cagou de medo. Ele corria para a delegacia com medo do Cadeirudo. Ele morria de medo do Cadeirudo, com medo de atacar ele...” (FERNANDA, FAMÍLIA 1).

É interessante observar como o relato dos receptores revela a mistura e o entrelaçamento de traços constitutivos, ao mesmo tempo, do melodrama e da comicidade: a morte e o riso, a maldade e o riso, a tensão e o riso. O gênero cômico, presente em inúmeros momentos da história da telenovela brasileira – basta citar a tradição (re)inventada por autores como Braulio Pedroso e Silvio de Abreu (BORELLI, 1997) – retoma o diálogo com o melodrama cômico e com as matrizes clássicas da literatura e do teatro populares. Ou seja, há um processo de incorporação de traços da comicidade ao padrão tradicional do melodrama; e dele emergem o humor, a sátira, a farsa em narrativas que continuam a falar de amores e ódios, pobres e ricos, justiça e injustiças. Nesse sentido, a comicidade é constitutiva do universo melodramático.

Nos trechos dos depoimentos dos receptores, pode-se encontrar a confirmação do prognóstico de Eva Wilma sobre as ambíguas fronteiras que separam a vilã melodramática das encenações de caráter cômico (IDEM: 232): “Tem hora que eu penso assim: “Pô, a Altiva não tem dó de ninguém, não basta ela ficar na rua por uns nove dias. Ficou nove dias e quase nos últimos dias, no oitavo dia, foi lá na casa da Helena e do Teobaldo, comeu todinho o almoço do pessoal – mas eu dei tanta risada! Não, mas ela merecia ficar na rua. O cachorro foi lá e comeu o café da manhã dela, queria dormir com ela” (FERNANDA, FAMÍLIA 1).

Algumas conclusões podem ser esboçadas, a partir deste contexto analítico em que se articulam relatos e formas de apropriação das narrativas de telenovelas a um conjunto de variáveis que expressa as condições de vida cotidiana destes jovens



receptores: nível sócio-econômico e de escolaridade, perfil familiar e de moradia, lazer, consumo cultural entre outras.

Diante dos numerosos influxos resultantes de um processo desigual e aguçado de modernização e frente a uma *desordem cultural* que parece indicar como única possibilidade, a perda de rumo, os jovens seguem tentando construir identidades e modos de vida. Ora respondem por algumas características universalizantes inerentes à sua condição de juventude - gostam das mesmas músicas, ouvem as mesmas rádios, lêem revistas especializadas, preferem filmes de aventura e suspense, afirmam recusar, mas assistem aos mesmos programas de TV -, ora replicam, particularizando situações, de acordo com sua própria condição de classe, escolaridade, etnia, gênero. Atravessam e invadem territórios; subvertem a ordem, na tentativa de escapar da rigidez institucional, familiar e da perversa desigualdade social; adequam-se e ocupam novos cenários desenhados no bairro e na cidade; buscam construir *repertórios compartilhados* negociando sentidos e articulando novas tecnologias, narrativas midiáticas e narrativas do cotidiano geradoras de novas formas sociabilidade, percepção e sensibilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORELLI, S. H. S e RAMOS, J. M. O. “Os *office-boys* e a metrópole: lutas, luzes e desejos” In: *Revista Desvios*. Nº 4. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1985. pp. 92-108.
- BOURDIEU, P. *La distinción*, Madrid, Taurus, 1991.
- CASTRO-POZO, M.U. *Por los territorios del rock*, México, Causa Jovem/CIEJ/CNCA, 1998.
- CUBIDES, H.J.; TOSCANO, M.C.L. e VALDERRAMA, C.E. (org). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*, Bogotá, Siglo del Hombre, 1998.
- GELDER, K. and THORNTON, S. *The subcultures reader*, London, Routledge, 1997.
- GIROUX, H. A. *Fugitive cultures*, London, Routledge, 1996.
- LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H. S. e RESENDE, V. *Recepção de telenovela: uma exploração metodológica*. Relatório de Pesquisa, São Paulo, Fapesp, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Vivendo com a telenovela*. São Paulo, Summus, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones*. Mexico. G. Gili. 1987.
- \_\_\_\_\_. “La ciudad: entre medios y miedos” In: *Imágenes y reflexiones de la cultura en Colombia*. Bogotá. Colcultura. 1990.
- \_\_\_\_\_. “Jóvenes: des-ordem cultural y palimpsestos de identidad” In: H. J. CUBIDES, M. C. L. TOSCANO e C. E. VALDERRAMA. (org). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá, Siglo del Hombre, 1998.
- MCROBBIE, A. “Youth, media, postmodernity”, *Postmodernism and popular culture*, London, Routledge, 1994.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MORIN, E. “Juventude”, *Cultura de massa no século XX. Espírito do Tempo 1: neurose*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1967.

PAMPOLS, C.F. *La tribu juvenil*, Torino, L’Occhiello, 1988 e “De las bandas a las culturas juveniles” *Estudio sobre las Culturas Contemporaneas*, Mexico, CUIS, Universidad de Colima, vol IV, nº 15.

REGUILLO, R. “El año dos mil, ética, política y estéticas: imaginarios, adscripciones y prácticas juveniles” In: H. J. CUBIDES, M. C. L. TOSCANO e C. E. VALDERRAMA. (org). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá, Siglo del Hombre, 1998.

SECA, J.M. *Vocations rock*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1988.

THORNTON, S. *Club cultures: music, media and subcultural capital*, Cambridge, Polity Press, 1995.

WALKERDINE, V. “La cultura popular y la erotización de las niñas”. J. CURRAM, D. MORLEY, D. e WALKERDINE, V. (comp), *Estudios culturales y comunicación*, Barcelona, Paidós, 1998.

WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979

WILLIAMS, R. *The long revolution*, London, Pequin Books, 1984.